

YEAR OF THE DRAGON / 1985

(O Ano do Dragão)

um filme de Michael Cimino

Realização: Michael Cimino / **Argumento:** Oliver Stone, Michael Cimino, segundo o romance homónimo de Robert Daley / **Fotografia:** Alex Thompson / **Montagem:** Françoise Bonnot, Noëlle Boisson / **Direcção Artística:** Wolf Kroeger / **Música:** David Mansfield; extractos da "Sinfonia nº2-1 A Ressurreição" de Mahler / **Som:** David Stephenson / **Intérpretes:** Mickey Rourke (Cap. Stanley White), John Lone (Go Joey Tai), Ariane (Tracy Tzu), Leonard Terme (Ângelo Rizzo), Ray Barry (Louis Bukowsky), Caroline Kava (Connie White), Eddie Jones (William McKenna), Joey Chin (Ronnie Chong), Victor Wong (Harry Yung), Pao Han Lin (Fred Hung), Daniel Davin (Francis Kearney), Mark Hammer (Comissário Sullivan), Dennis Dun (Herbert Kwong), Fan Mui Sang (White Powder Ma), Paul Scaglione (Teddy Tedesco), etc.

Produção: Dino de Laurentiis Corporation, para a MGM-UA / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, colorida, legendada em português, 133 minutos / **Estreia em Portugal:** Alfa, Amoreiras, Éden, Tivoli, Quarteto, Gemini, em 24 de Abril de 1986.

YEAR OF THE DRAGON é apresentado em "double bill" com **THE CRIMSON KIMONO**, de Samuel Fuller ("folha" distribuída em separado). Entre a projecção dos dois filmes há um intervalo de 20 minutos.

Entre **Heaven's Gate** e **Year of the Dragon** medeia um espaço de cinco anos ocupado por uma espécie de "ressaca" onde os projectos abundaram e as oportunidades de trabalho desapareceram para Michael Cimino, em razão do desastre financeiro do primeiro filme de que se diz (com algum exagero) que terá "afundado" a United Artists. Para além de vários projectos não concretizados (um deles que chegou a ser anunciado tinha como tema a Volta à França em bicicleta, outros ficaram-se pelo papel onde permanecem) é atribuída a Cimino a direcção de parte do filme **The Pope of Greenwich Village** assinado por Stuart Rosenberg (1984) e a entrada no projecto de **Footloose** (1984) que acabaria por ser feito por Herbert Ross por o tratamento de Cimino ter sido recusado.

Year of the Dragon foi, primeiro, um romance de Robert Daley cujos direitos de adaptação foram comprados por Dino de Laurentiis. O conhecido produtor contactou então Cimino para o dirigir, mas este recusou o argumento já escrito, propondo uma abordagem mais pessoal, que, de facto, alterava radicalmente o romance ao ponto de dele ficar, praticamente, apenas com o título. A emigração chinesa para os Estados Unidos estivera já na base de um argumento em que Cimino trabalhara durante bastante tempo, segundo as suas próprias palavras "uma espécie de western sobre o papel dos Chineses na construção do caminho de ferro que liga o Panamá ao Alasca". No western o chinês aparece praticamente apenas como o "homem da lavandaria", sendo a excepção

os grandes planos que os mostram trabalhando no caminho de ferro em **Duel in the Sun/Duelo ao Sol**, de King Vidor (Há também um curioso western dirigido por James Clavell em 1960, **Walk Like a Dragon/A Escrava Chinesa**). Sinais desse projecto de Cimino encontram-se espalhados nos diálogos de **Year of the Dragon**, em particular nas conversas de Stanley White (Mickey Rourke) com a repórter de televisão, Tracy Tzu (Ariane), no restaurante chinês antes da cena do ataque.

Mas, antes de mais, **Year of the Dragon** é um filme que encerra uma trilogia, que anda à volta da emigração para os Estados Unidos, antecedido por **The Deer Hunter** e **Heaven's Gate**, numa perspectiva que se radicaliza de filme para filme, cada vez mais desmistificadora do mito do "melting pot". E, como nos anteriores, paira sobre ele a "sombra" do Vietname. Neste último aspecto, **Year of the Dragon** é mesmo o mais radical da trilogia, através do tratamento da sua personagem central, um agente da polícia, ex-combatente medalhado da guerra do Vietname, Stanley White, que Mickey Rourke interpreta de uma forma extrema e quase histórica. Aliás, esta é uma característica de todo o filme, onde Cimino leva (quase num impulso de "raiva") o seu estilo a um paroxismo, com o uso da grande angular, os velozes movimentos de câmara e a montagem elíptica que faz "chocar" as sequências entre si. A alucinante sequência inicial é mais um exemplo desse estilo. Numa rua de Chinatown (reconstituída em estúdio) decorre uma festa típica da comunidade, com desfiles e o som rítmico dos tambores. A câmara circula por entre a população até enquadrar a entrada de um restaurante, fixando-se num grupo de homens à mesa. Um jovem entra na sala e apunhala um deles. Sem transição, com um único corte, passamos para a mesma rua, agora com um desfile solene. Há como que um "choque" entre as duas cenas no mesmo espaço, do qual nasce uma insólita energia que parece "empurrar" o filme. Essa energia é a que nasce também do confronto principal do filme: o de dois homens, White e Joey Tai (John Lone), mas o seu epicentro está fundamentalmente no primeiro. White é, como refere Serge Daney, um "homem instalado no ressentimento". O ressentimento de um homem que perdeu o sentido dos valores em que cresceu e o alimentaram. Stanley White, polaco americano que naturalizou o seu nome, ex-combatente no Vietname cujo fim viu como uma derrota e que vê, agora, aqueles contra quem combateu, "invadirem" o seu próprio espaço "natural". White, representante da "lei e ordem", é uma versão paranóica (porque movido pelo ódio "puro") do Nate Champion de **Heaven's Gate**, como "instrumento" de luta contra os "invasores". Mas não encontramos em **Year of the Dragon** qualquer personagem "positiva", no sentido em que o era a de Averill no outro filme. Talvez porque o tempo de **Year of the Dragon** é o contemporâneo, e tempo do "ressentimento", enquanto no outro a distância trazia uma melancolia por um passado e uma oportunidade perdidas.

O tipo de montagem típica dos filmes de Cimino, faz com que estes apareçam como que movidos por impulsos súbitos, ao sabor de momentos fortes (de grande impacto visual), que alternam com sequências em que as personagens se digladiam com as palavras, tanto para dissimularem as suas fragilidades, como para estudarem o adversário. **Year of the Dragon** é, possivelmente, o mais "brutal" dos filmes de Cimino. No segundo caso, as personagens estão num permanente jogo de massacre psicológico, não há um momento de pausa, de reflexão, como se encontram em **Heaven's Gate**. No primeiro caso, o filme comporta algumas das cenas mais violentas encenadas pelo realizador (à excepção da morte de Nate Champion e Ella em **Heaven's Gate**), com destaque para a morte da assassina perseguida por White, de uma frieza e indiferença arrepiantes, ou o duelo final entre White e Joey Tai, que mostra que, no fim de contas, o que Cimino andou a filmar foram sempre westerns, fosse qual fosse o filme.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico